

A realidade como fundamento da virtude em Josef Pieper

Roberto C. G. Castro¹

Resumo: Este artigo mostra que, para o filósofo alemão Josef Pieper (1904-1997), a ação moral boa depende do conhecimento da realidade e que as coisas são verdadeiras em razão de seu caráter de criatura.

Palavras Chave: Josef Pieper – Tomás de Aquino – conhecimento – realidade – verdade das coisas.

Abstract: This paper shows, according to German philosopher Josef Pieper (1904-1997), good moral action depends on knowledge of reality and things are true because of their character of creature.

Keywords: Josef Pieper – Thomas Aquinas – knowledge – reality.

Introdução

De todos os objetos de estudo, o agir humano é, certamente, um dos mais intrigantes, complexos, desafiadores e incompreensíveis. Isso porque ele está revestido do insondável, do misterioso. Dado o caráter intrinsecamente contingente da existência humana, é impossível, de fato, termos certeza absoluta da correção e dos resultados de nossas ações, em qualquer área de atuação. Desde as mais corriqueiras atitudes do dia a dia até as grandes decisões, que definem os rumos da vida por anos ou décadas, todo o comportamento do homem está marcado inapelavelmente pelo imponderável. Como saber se dar uns trocados para um menino de rua vai ajudá-lo, saciando sua fome, ou prejudicá-lo, incentivando-o a ser um pedinte? Como estar seguro de que esta é a pessoa certa com quem devo casar? Qual profissão devo escolher? Como agir num momento de perigo, de ameaça, de ira ou de infortúnio? Na função de empresário, como saber se minha iniciativa resultará em lucro ou prejuízo para a empresa?

Não é surpreendente, assim, que o ser humano se encontre, tantas vezes, nas situações mais intrincadas, difíceis e mesmo insolúveis. Sem a certeza cabal de suas ações, destituído da límpida clareza do caminho a seguir, ele está facilmente suscetível a tomar decisões erradas, que o conduzem a becos escuros, fechados. Daí os conflitos, os desentendimentos, as decepções, as frustrações, a depressão e até mesmo as guerras e a morte.

A milenar sabedoria bíblica expõe a fragilidade dessa condição humana. O sábio autor dos *Provérbios* faz esta angustiante pergunta: “Como poderá o homem entender o seu caminho?” (Prov 30:24). Não, o homem não pode entender o seu caminho, pois essa realidade – a vida humana – é complexa demais, um mistério profundo, uma dádiva que lhe foi dada sem que ele fosse consultado e sem que ele conheça exatamente sua origem, sentido e finalidade.

O sábio diz também que “há caminho que parece direito ao homem, mas afinal são caminhos de morte” (Prov 16:25). Aqui o texto bíblico descreve a falibilidade das considerações humanas, que, mesmo concebidas com a máxima sinceridade, honestidade e engenho, podem resultar na destruição.

Eis a razão por que o livro de *Jó* afirma taxativamente que a sabedoria – entendida como a capacidade de conduzir bem a vida, de agir corretamente, de tomar as decisões certas no dia a dia – “está encoberta aos olhos de todo vivente” (Jó: 28:21) e nem mesmo se acha na terra dos viventes (Jó: 28:13).

E não é só a tradição judaico-cristã que anuncia a incerteza inerente à condição humana, mas também os textos sagrados do islamismo, que afirmam: “E

¹ Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP).

pessoa alguma se inteira do que logrará amanhã, e pessoa alguma se inteira de em qual terra morrerá”²

O *Tao te ching* – livro fundador do taoísmo – se refere à mesma instabilidade das coisas humanas: “Desgraça! Em ti apóia-se a felicidade / Felicidade! Em ti encosta-se a desgraça / Quem lhe conhece os limites?”³

Fernando Pessoa (1888-1935) expressou de forma poética o mesmo sentimento exposto nos textos sagrados das religiões:

Vê de longe a vida.
Nunca a interrogues.
Ela nada pode
Dizer-te. A resposta
Está além dos deuses.⁴

Conhecimento da realidade

Sendo assim, como o homem deve conduzir sua existência? Estaria ele relegado – e condenado – à perene incerteza, à inconstância, à instabilidade? Seria inerente à condição humana estar entregue ao contingente, sem bases seguras para agir?

No século XX, o filósofo alemão Josef Pieper deu importante contribuição para encontrar respostas a essas perguntas. Baseado nos grandes mestres da tradição de pensamento ocidental – especialmente Platão, Aristóteles, Santo Agostinho e Tomás de Aquino –, ele sustenta, em obras como *Die Wirklichkeit und das Gute (A realidade e o bem)*, que, para agir bem, é necessário ver a realidade tal como ela é. A ação correta está diretamente relacionada com a razão que conhece verdadeiramente a realidade. É preciso ver claramente, limpidamente a realidade e então, com base nessa visão, agir. Para ele, todo dever se fundamenta no ser. A realidade é o fundamento do ético. O bem é o que é conforme a realidade.⁵

Na visão de Pieper, o bem depende essencialmente e está intrinsecamente informado pelo conhecimento⁶, o conhecimento da realidade. O filósofo continua, agora citando frases de Tomás de Aquino que confirmam essa ideia: O bem pressupõe o verdadeiro⁷. A virtude é o selo que a faculdade do conhecimento imprime na vontade⁸. A faculdade cognoscitiva é a raiz de toda virtude⁹. O bem do homem está em ser conforme a razão; seu mal, em ser contrário à razão¹⁰.

Portanto, a norma da conduta correta, aquilo que determina a ação boa, para Pieper, é a realidade. Essa norma está fora de nós. Não pode ser a nossa própria razão ou a consciência porque, como diz o filósofo alemão, o homem não está fundado em si mesmo e, por isso, não pode entender a si mesmo em toda sua profundidade¹¹. Tampouco pode ser o nosso querer: “Antes e acima do querer está a relação cognoscitiva com a realidade”¹².

² Alcorão 31:34.

³ Lao-tsé, *Escritos do curso e sua virtude (Tao te ching)*, 58.

⁴ Fernando Pessoa, *Poesias*. Porto Alegre: L&PM, 2008. p. 108.

⁵ J. Pieper, *Die Wirklichkeit und das Gute*, p. 48.

⁶ J. Pieper, *Die Wirklichkeit und das Gute*, p. 52.

⁷ *Questões disputadas de veritate* 21,3.

⁸ *Questões disputadas de virtutibus in communi* 9

⁹ *Questões disputadas de virtutibus in communi* 4 ad 3.

¹⁰ *Suma teológica* I-II, 18, 5

¹¹ J. Pieper, *Die Wirklichkeit und das Gute*, p. 53.

¹² J. Pieper, *Die Wirklichkeit und das Gute*, p. 52.

Antes de prosseguir, é preciso fazer um esclarecimento. O papel dado à razão, que desvela a realidade e assim torna possível a ação correta, pode dar a entender que ela é o fator determinante da ação. Não. A razão é vista aqui como a faculdade do homem de perceber o real, de receber a verdade das coisas reais. Razão é a recepção da realidade. Além disso, como diz Pieper, o campo inteiro do obrar humano não pode ser esclarecido pela luz do conhecimento humano, já que essa possibilidade supera a potência do espírito criado¹³.

Como já foi dito, a ação boa depende do conhecimento da realidade. Portanto, temos que conhecer a realidade, se quisermos agir bem. Mas, para isso, temos que saber exatamente o que é conhecer e como se conhece verdadeiramente.

Para Pieper, o conhecimento está “pré-formado” no mundo objetivo do ser. Ou seja, as coisas reais possuem um “quê”, um conteúdo intrínseco que faz com que elas sejam o que são. O intelecto humano deve captar esse “quê” e, ao fazer isso, ele se molda a esse “quê”, tornando-se semelhante cognitivamente à coisa conhecida.

Isso significa que, para Pieper, o intelecto é essencialmente algo formado de acordo com outra coisa. Ele tem uma relação essencial com algo anterior por natureza. Isso que é prévio ao conhecimento por natureza é a realidade. “O intelecto que conhece não é ‘por si’, é algo segundo e essencialmente dependente.”¹⁴

Há, assim, uma identidade entre o espírito que conhece e a realidade conhecida. Isso é confirmado por Tomás de Aquino, que Pieper cita: “O conhecimento, o intelecto e a realidade conhecida se tornam um”¹⁵, “O intelecto é totalmente, para dizer de maneira perfeita, a coisa conhecida”¹⁶, “A alma se transforma, por assim dizer, na coisa real”¹⁷ e “Mediante o ato de conhecimento surge uma identidade entre o espírito e a realidade”¹⁸.

Como exposto, o intelecto que conhece e o objeto conhecido se tornam uma coisa só. Essa identidade se dá porque ela está mediada pela semelhança imaterial e espiritual da realidade, que o intelecto imprime em si mesmo, destaca Pieper. Como diz ainda Tomás: “O intelecto é a realidade conhecida mediante a semelhança cognoscitiva do real”¹⁹. O que se quer dizer aqui é que o intelecto capta e configura para si o núcleo essencial do real, o “quê” do real, superior ao material. O espírito humano consegue liberar o núcleo essencial supramaterial de suas determinações materiais. E, nessa atividade – que Pieper diz ser a obra mais própria da virtude do espírito humano –, se faz possível o conhecimento intelectual, “único que revela a essência imaterial” da realidade.

A representação imaterial do objeto é idêntica ao objeto real, evidentemente não segundo o seu ser natural, mas segundo o seu ser inteligível. Ser natural e ser inteligível, lembra Pieper, são, por assim dizer, dois modos de ser da mesma coisa. Assim como ocorre com o homem, que é matéria e alma: matéria e alma são dois modos de ser da mesma coisa, o homem.

Acontece que essa representação imaterial do real – que, repita-se, é a mesma coisa que o objetivamente real – configura, dá a medida, forma, molda o intelecto que conhece. Ou seja, essa representação e o intelecto constituem uma coisa só, idênticas. Isso se dá porque o intelecto está em potência e só se atualiza, só obtém uma forma,

¹³ J. Pieper, *Die Wirklichkeit und das Gute*, p. 53

¹⁴ J. Pieper, *Die Wirklichkeit und das Gute*, p. 56.

¹⁵ *Summa contra Gentiles* 2, 59.

¹⁶ *Quaestiones quodlibetales* 7, 2.

¹⁷ *De natura verbi intellecti*.

¹⁸ 1 d. 35, 1, 1 ad 3.

¹⁹ I, 87, 1 ad 3.

quando conhece. Intellecto é uma potência que, antes que esteja em ato, é nada segundo a realidade, segundo Aristóteles²⁰.

Como destaca Pieper:

Nosso intellecto é, como a *materia prima* na origem da criação, receptividade substancial do ser, mero poder-ser, pura possibilidade, ainda não determinada nem qualitativamente nem quantitativamente, mas à espera de determinação e configuração, até alcançar, mediante esse ser informado pelas espécies do real, o estado de autorrealização.²¹

É por isso que podemos dizer que o intellecto que conhece e o objeto conhecido são a mesma realidade. O intellecto que conhece uma pedra é também uma pedra, evidentemente não segundo seu ser natural, mas segundo seu ser inteligível. O intellecto que conhece uma pedra é pedra de maneira inteligível. A pedra e o intellecto são idênticos em seu “quê”, embora distintos na maneira de ser desse “quê”, na existência.

Em resposta à nossa pergunta – o que é conhecer? –, portanto, Pieper responde: conhecer quer dizer ter a forma de outras coisas, ser o outro, ser idêntico ao outro, ser todas as coisas. A essência do conhecer é o ter as formas da realidade objetiva²². E essa relação entre o intellecto e o real constitui o conteúdo conceitual da verdade. “A verdade não é outra coisa que a relação de identidade, que se estabelece e se cumpre no conhecer, entre o espírito e o real, na qual o real é a medida do intellecto.”²³

A importância fundamental da relação entre o intellecto e o real faz com que a objetividade – e não a subjetividade – seja a atitude cognoscitiva adequada ao homem. Tendo em vista que o conteúdo, o “quê” do conhecimento está determinado pela coisa, pelo objeto, sempre que esse conteúdo estiver determinado pela vontade do sujeito, o conhecimento estará prejudicado.

Nem o querer, a consciência ou o coração: para agir bem, o homem precisa conhecer a realidade e se guiar por aquilo que ela informa e imprime no seu intellecto.

As coisas são verdadeiras

Intrinsicamente ligada com o que se acabou de ver – a relação entre o agir bem e o conhecimento da realidade – encontra-se a clássica doutrina da verdade das coisas, que afirma que os seres são verdadeiros, e isso em virtude de seu íntimo núcleo ontológico. É necessário demonstrar que a realidade é verdadeira, que o que se encontra diante dos olhos possui uma verdade, pois, sem essa demonstração, o homem permanecerá irremediavelmente entregue à incerteza.

De acordo com aquela doutrina, como mostra Pieper em *Wahrheit der Dinge* (*Verdade das Coisas*), a verdade das coisas não é uma “propriedade” que pudesse lhes faltar. O que faz com que as coisas sejam faz também com que elas sejam verdadeiras. Nossos juízos podem ser verdadeiros ou falsos, mas as coisas são sempre verdadeiras, nunca falsas.

A intrínseca relação entre ser e verdade se dá porque “‘verdadeiro’ significa ordenação a um eu cognoscente”, como afirma Pieper, sempre apoiado em Tomás de Aquino. Significa que estar referido a um intellecto é algo próprio do ente enquanto é, e estar referido a um intellecto é aquilo mesmo em que consiste o ser das coisas. Ou seja, “ter ser” e “estar referido a um intellecto” significam o mesmo.

²⁰ *De anima* III, 429 a.

²¹ J. Pieper, *Die Wirklichkeit und das Gute*, p. 60-61.

²² J. Pieper, *Die Wirklichkeit und das Gute*, p. 64.

²³ J. Pieper, *Die Wirklichkeit und das Gute*, p. 64.

A tradição ocidental sempre entendeu por conhecer e por conhecimento algo que vai muito mais além do que hoje esses termos significam. Atualmente, define-se conhecer como um processo pelo qual a consciência reproduz em si mesma a realidade exterior. No entanto, para os antigos, o conceito de conhecimento abarca mais de uma dimensão. Ele inclui também o conhecimento criador. Além e fora de um conhecimento não criador, há um tipo especial de conhecer, em virtude do qual as coisas “conhecidas” recebem seu ser.

Essa dimensão criadora do conhecimento pressupõe, então, que um ser tem em si as essências de outras coisas, não só as “imagens” das coisas, mas também suas “formas”. Como afirma Pieper, ser cognoscente significa ir mais além dos próprios limites, não estar encerrado na própria essência, e sim “ter também a forma da outra coisa”, ou seja, *ser* também a outra coisa. O conhecer é e fundamenta a participação mais íntima possível de um em outro, o que é confirmado, nota Pieper, pelo fato de que a palavra “conhecer” é usada também para nomear a união corporal dos sexos.

Para Pieper, o princípio de verdade das coisas não significa outra coisa que isto: é uma propriedade das coisas que sua forma essencial (aquela pela qual as coisas são o que são) seja “tida” por outro, por um intelecto; que as essências das coisas estão em posseção (ou possam estar) de outro, a saber, do intelecto, mediante a participação do conhecimento.

E aqui é o momento de fazer a distinção entre *intellectus speculativus* e *intellectus practicus*. O primeiro contempla e descobre; o segundo atua, configura, cria. Como afirma Pieper, citando Tomás de Aquino, o intelecto prático causa as coisas; por isso é medida das coisas que se originam nele. Mas o intelecto especulativo, que recebe das coisas, é, em sentido determinado, movido pelas coisas, e por isso as coisas são sua medida.

A força criadora e produtora de ser do intelecto prático se estende à própria existência das coisas que conhece. O real recebe a existência da vontade criadora, tem “o que” é porque o recebe do conhecimento criador. “O intelecto criador forma em si as formas do real. E, em virtude desse conhecimento preformativo, criador, o intelecto, ou melhor, a pré-forma que nele está configurada, é a ‘medida’ do real.”²⁴

Enquanto nas formas do intelecto especulativo está a origem unicamente do conhecer, nas formas do intelecto prático está a origem tanto do ser como do conhecer.

Ora, continua Pieper, se a verdade do ente consiste em estar referido ao intelecto e se a relação do ser objetivo e do intelecto encontra sua realização mais plena na relação recíproca do intelecto criador e sua obra, segue-se, então, que cada coisa é verdadeira em virtude de sua ordenação ao intelecto do qual depende. A verdade, em sentido próprio, pode dizer-se de uma coisa real na medida em que sua forma intrínseca está configurada de acordo a uma forma originária, que habita em um intelecto criador.

Por isso, as coisas criadas mediante a arte se chamam “verdadeiras” em virtude de sua ordenação ao intelecto do artista. Uma casa é “verdadeira” quando alcança a estrutura de acordo com a forma presente na mente do arquiteto. Um discurso é “verdadeiro” na medida que é signo de um pensamento verdadeiro. Do mesmo modo, diz-se que as coisas naturais são “verdadeiras” porque alcançam a semelhança com os exemplares que se encontram na mente de Deus.

Assim, segundo Pieper, tendo em vista que ao conhecimento criador de um intelecto criado (ainda que seja capaz de um conhecimento criador) não pode ser atribuída a totalidade das coisas existentes, o princípio da verdade transcendental

²⁴ *Wahrheit der Dinge*, 126.

significa, em primeiro lugar, que todas as coisas existentes se podem referir ao intelecto criador divino. “Ente” e “verdadeiro” se convertem reciprocamente, posto que toda coisa natural se assemelha por sua forma à arte divina.

Ou seja, os modelos de todas as coisas estão no conhecimento criador de Deus e as formas das coisas são uma espécie de selo do saber de Deus nelas.

Mas a doutrina da verdade das coisas não tem apenas esse aspecto teológico que acaba de ser visto, nota Pieper. De fato, uma coisa se chama verdadeira principalmente em virtude de sua ordenação à verdade do intelecto divino. Porém, ela é também chamada verdadeira em virtude do intelecto humano.

Esses dois aspectos da doutrina da verdade das coisas – o teológico e o antropológico – estão intimamente ligados. Para Pieper, a configuração intrínseca das coisas, sua “forma”, reflete os modelos da “arte” de Deus. As formas de todas as coisas estão, como “Ideias”, em Deus. Mas, precisamente em virtude dessa forma, que é um reflexo da Ideia que existe em Deus, o real pode assemelhar-se ao nosso intelecto. Citando Tomás, Pieper destaca que o real imita a arte do intelecto divino por sua forma, e também por ela faz surgir uma notícia de si mesmo na alma do homem.

Verdade das coisas significa relação com um intelecto. As coisas se relacionam com nosso conhecer em virtude de sua relação prévia com o intelecto divino, que produz as formas das coisas. Assim, a realidade criada está constituída entre dois intelectos. As coisas naturais, das quais o nosso intelecto recebe seu saber, são a medida de nosso intelecto, e elas recebem sua medida do intelecto divino. Isso quer dizer, conclui Pieper, que a verdade que corresponde às coisas em relação ao intelecto divino é origem e raiz de sua verdade em relação ao intelecto humano.

Há uma distinção entre a verdade que corresponde às coisas em relação ao intelecto divino e em relação ao intelecto humano. A verdade das coisas significa que elas são conhecidas por Deus e são cognoscíveis pelo homem, sendo que elas são conhecíveis pelo homem em virtude de ser conhecidas por Deus. “A luminosidade que penetra nas coisas pelo conhecimento criador do Logos divino – junto com seu ser, ou melhor, ‘como’ seu ser mesmo –, essa luminosidade, e só ela, faz que as coisas possam ser percebidas pelo conhecer humano.”²⁵

Pieper cita frases de Tomás de Aquino que corroboram essa visão: “Não existe nada que o intelecto divino não conheça em sua realidade efetiva e que o intelecto humano não possa conhecer (...). Por isso, na determinação do conceito de coisa ‘verdadeira’, pode-se afirmar o ser vista efetivamente pelo intelecto divino, mas não pelo intelecto humano, salvo em potência”²⁶. “A verdade se diz das coisas enquanto são conformes ao intelecto divino e enquanto podem ser naturalmente conformes ao intelecto humano.”²⁷

Portanto, em relação ao homem, a verdade das coisas significa que elas estão descobertas, manifestas, são perceptíveis, graças à luz originária do Logos, ao ver criador de Deus. Como afirma Tomás, citado por Pieper: “O ‘verdadeiro’ acrescenta ao ‘ente’ o conceito de cognoscível”²⁸.

Ser cognoscível ao homem é uma característica intrínseca do ser. Pieper afirma: “Deve ser próprio de todo ente, enquanto ente, ser cognoscível pelo intelecto humano; e essa cognoscibilidade deve ser tão íntima ao núcleo ontológico das coisas que ‘ser ente’ e ‘ser cognoscível pelo intelecto humano’ devem poder convergir.

²⁵ *Wahrheit der Dinge*, 136.

²⁶ *Ver.* 1, 2 ad 4.

²⁷ *Ver.* 1, 3.

²⁸ *De nat. gen.* 2.

Portanto, não pode haver nenhum ente de que não se possa e não se deva dizer que é acessível ao esforço cognoscitivo do homem e perceptível por ele”²⁹.

Pieper afirma ainda a respeito da verdade das coisas:

Não é que as coisas tenham a possibilidade de ser conhecidas ou de não ser conhecidas pelo homem (...). O ser cognoscível pertence à essência intrínseca das coisas, ou seja, estão referidas por si ao intelecto, também ao intelecto finito (...). Certamente, não é essencial às coisas que uma mente finita efetivamente as conheça, mas sim é essencial a elas que possam ser conhecidas por ele. A realidade objetiva não está encerrada em si mesma, em um isolamento total, sem relação alguma com nada, até que nossa capacidade cognoscitiva a torne ‘objetiva’. ‘Ser verdadeiro’ é o mesmo que ‘manifestar e iluminar o ser’³⁰.

Pieper lança mais luzes sobre a verdade das coisas em outra de suas obras, *Unaustriinkbares Licht (Luz inabarcável)*. Nela, o filósofo alemão cita mais uma vez Tomás de Aquino, para quem somente o pensado pode chamar-se, em sentido estrito, “verdadeiro” – como será expresso mais tarde pela filosofia moderna. Porém, a diferença entre os filósofos modernos e o pensamento tomasiano é que, enquanto para Bacon e Kant não se pode chamar de verdadeira a realidade, mas apenas o pensado, para Tomás, as coisas reais são, de fato, algo pensado. Elas são reais por serem pensadas. Ou melhor, são reais pelo fato de serem criadoramente pensadas. E acrescenta:

As coisas têm a sua essência por “serem pensadas”: isso deve ser entendido de modo extremamente literal, e não em algum sentido meramente ‘figurado’. E, assim, porque as próprias coisas são pensamentos e possuem, portanto, um ‘caráter verbal’ (como diz Guardini), por essa mesma razão é que elas podem, no mais preciso sentido do uso corrente, ser chamadas “verdadeiras” – do mesmo modo que o pensamento e o pensado.³¹

Lembrando que, a partir do pensamento moderno – tomado pelo racionalismo –, não é possível compreender que as essências das coisas existem somente porque são consideradas como “pensadas”, Pieper destaca que essa tese de Tomás de Aquino ganhou o respaldo até mesmo do existencialismo. Pois é Sartre quem afirma: “Não há essência do homem, porque não há Deus para concebê-la”³².

Em sua radical negação de Deus e do conceito de Criação, Sartre acaba corroborando a ideia de que há uma essência das coisas na medida em que esta é pensada. Um abridor de cartas, por exemplo, possui uma “essência” porque existe o homem e sua inteligência capaz de projetar, de planejar, de “conceber” um abridor de latas. Por isso, para Sartre, como não há uma inteligência criadora que pudesse projetar, planejar, conceber os seres humanos e a natureza, não existe uma essência do homem e das coisas naturais. Já Tomás de Aquino, partindo do mesmo princípio de que as coisas têm uma essência porque são pensadas, chega a uma conclusão diferente da de Sartre: porque Deus concebeu as coisas, por isso é que elas têm uma essência. Pieper cita um trecho da *Suma Teológica* (I, 93, 7) em que Tomás trata dessa questão: “Precisamente esse fato, o de que a criatura possua uma substância determinada e definida, mostra que ela provém de alguma origem. Sua forma essencial (...) aponta para a Palavra

²⁹ *Wahrheit der Dinge*, 137-138.

³⁰ *Wahrheit der Dinge*, 144-145.

³¹ *Luz inabarcável*, p. 59.

³² J.-P. Sartre, *L’existencialisme est un humanisme*, Paris, 1946, p. 16.

daquele que a fez, tal como a estrutura de uma casa remete à concepção de seu arquiteto”. E completa: “O que há de comum entre Sartre e Tomás é, como se vê, o pressuposto de que não se possa falar em essência das coisas, a não ser que esta seja expressamente entendida enquanto creatura”.³³

A importância dessa doutrina de Tomás reside no fato de que é justamente o fato de serem pensadas que garante a inteligibilidade das coisas naturais pelo intelecto humano. Acontece que, para o Aquinate – como já foi dito anteriormente –, a realidade natural está situada entre dois cognoscentes, o intelecto divino e o intelecto humano, o que constitui a base fundamental do pensamento tomasiano sobre a verdade das coisas. A estrutura da realidade total, como diz Pieper, se estabelece entre a inteligência absolutamente criadora do conhecimento de Deus, que pensa o ser, e a inteligência imitativa do homem, que se dirige para o ser. É uma estrutura articulada entre “Projetador” e “realização do projeto”.

Entra em evidência aqui o já mencionado conceito de mensura, “medida”, não no sentido quantitativo – como quando se diz um litro de leite ou um quilo de feijão –, mas no sentido qualitativo, ligado à forma, às noções de “dar medida” e de “receber medida”.

Assim, o pensamento criador de Deus dá medida e não é medido; a realidade natural recebe medida desse pensamento criador e dá medida para o intelecto humano; e o conhecimento humano recebe medida e não mede (a não ser no caso do artista, por exemplo, que atribui medida à obra de arte).

Há, portanto, aponta Pieper, um duplo conceito de “verdade das coisas”: o primeiro afirma o ser pensado por Deus e o segundo, a inteligibilidade para o espírito humano. Segundo as palavras de Pieper: “A sentença que diz “as coisas são verdadeiras” significa, em primeiro lugar, portanto: as coisas são criadoramente pensadas por Deus; e, por outro lado: as coisas são, por si mesmas, acessíveis e apreensíveis para o conhecimento humano”.³⁴

Isso significa – continua Pieper – que as coisas são inteligíveis para nós porque foram pensadas por Deus. Enquanto pensadas por Deus, as coisas são dotadas não apenas de sua essência, algo como que “para si mesmas”, mas detêm ainda um ser “para nós”. Ainda de acordo com Pieper:

As coisas têm a sua inteligibilidade, a sua luz interna, a sua luminosidade, o seu caráter manifestativo, devido ao fato de que Deus as pensou; por essa razão, são essencialmente pensamento. A claridade e a luminosidade, que jorram do pensar criador de Deus para o interior das coisas, junto com seu ser (junto com seu ser, não! Como o seu próprio ser! – essa luz interna – e só ela – é o que torna as coisas existentes apreensíveis ao intelecto humano.³⁵

Acrescentem-se duas citações de Tomás, que confirma o que acaba de ser dito: “Uma coisa tem de realidade tanto quanto tem de luz”, ele afirma num comentário às Escrituras³⁶, e “O próprio ser real das coisas é sua luz”³⁷. É essa luz, esclarece Pieper, o que torna as coisas visíveis ao olho humano. Por isso é que se pode dizer que as coisas são inteligíveis pelo fato de serem pensadas.

A doutrina ocidental da verdade das coisas não se limita a lançar luzes sobre os entes e sobre o conhecimento humano, mas remete também à essência do homem.

³³ Josef Pieper, *Luz inabarcável*, p. 60.

³⁴ Josef Pieper, *Luz inabarcável*, p. 62

³⁵ Josef Pieper, *Luz inabarcável*, p. 62.

³⁶ Comentário a 1 Tm 6,4.

³⁷ *Comentário ao Liber de causis* 1,6.

Para explicar essa relação entre o conceito de verdade das coisas e a essência do homem, Pieper destaca, em *Wahrheit der Dinge*, dois aspectos desse conceito. Primeiro, a verdade se estende como uma propriedade transcendental das coisas, uma propriedade que compreende todos os gêneros e divisões do ente, de modo que não se pode pensar nenhum ente a que não se possa atribuir a propriedade de ser verdadeiro. Segundo, a verdade transcendental é uma propriedade do ente que encerra uma relação entre esse ente e outro, sendo que a relação expressa no conceito de verdade transcendental tem em vista o interior de outro ente: o intelecto.

Agora, citando Tomás, Pieper lembra que o fato de que todo ente, sem exceção, está relacionado ao interior de outro ente não pode se dar sem que haja algo na realidade das coisas, a cuja natureza corresponda se relacionar com tudo o que tem ser. E esse algo é a alma, que em certo sentido é todo ente. Como diz Tomás, “na alma existem as potências do conhecer e do querer. A conveniência do ente com a vontade é expressa com o nome de ‘bondade’. Mas a conveniência do ente com o intelecto é expressa com o nome de ‘verdade’”³⁸ Com isso, a verdade das coisas se revela como uma afirmação acerca da essência do homem.

O que se quer dizer com tudo isso, reafirma Pieper, é que todo ente, sem exceção, só pode chamar-se verdadeiro, ou seja, conhecível, se a alma espiritual do homem tem a possibilidade, por sua própria natureza, de conhecer a totalidade das coisas. E só se pode predicar a verdade de todo ente se o intelecto também está frente à totalidade dos entes. “O princípio da verdade das coisas é, então, só uma face de uma realidade essencialmente bifronte, e sua outra face é que o espírito tem por natureza a capacidade de convir com o que tem ser. O primeiro é irrealizável sem o segundo; o primeiro encerra em si o segundo, como seu fundamento.”³⁹

A alma é, portanto, essa realidade sem a qual não se poderia falar de uma propriedade atribuível a todas as coisas existentes. Por isso, acrescenta Pieper, Tomás formula explicitamente, em diferentes obras, a doutrina da verdade das coisas a partir dessa força de relação da alma espiritual humana que abarca a totalidade das coisas. Por exemplo, diz Tomás: “Cada coisa é cognoscível na medida em que tem ser; e por isso se diz que a alma é de alguma maneira todas as coisas”⁴⁰ e “Se o que (nos conceitos transcendentais) se acrescenta ao ser se atribui ao ente em comparação com a alma, que é de alguma maneira todas as coisas – na alma há duas potências, a faculdade cognoscitiva e a vontade: por umas delas pode conhecer tudo, por outra pode amar tudo –, então se dão a verdade e o bem”⁴¹.

Pieper destaca ainda que as coisas e o intelecto não podem ser pensados separadamente. As coisas são o campo de relação do espírito e o espírito é o centro ativo desse campo de relação (ativamente receptivo). “Todo ente é verdadeiro” significa que todas as coisas que são estão, enquanto são e em virtude de que são, no campo de relação da alma espiritual intelectiva; e o campo de relação, o “mundo” do homem, enquanto é um ser dotado de intelecto, não é menor nem mais estreito que a totalidade das coisas que são. “Ser capaz de conhecimento intelectual significa viver de cara e no centro da totalidade do real. O espírito, e só ele, é *capax universi*.”⁴²

Acrescente-se, ainda, que o mundo do espírito se fundamenta não só na “totalidade das coisas”, mas também e ao mesmo tempo na “essência das coisas”. Posto que o homem é capaz de alcançar a essência das coisas – o que não significa que pode compreendê-las –, só por isso lhe é dado abraçar a totalidade.

³⁸ *Ver.* 1,1.

³⁹ *Wahrheit der Dinge*, 159.

⁴⁰ I, 16, 3.

⁴¹ *De nat. gen.* 2

⁴² *Wahrheit der Dinge*, 161.

Conclusão

Ao concluir, queremos dar a palavra a Pieper, a quem seguimos desde o início deste artigo. Em um dos trechos finais de *Wahrheit der Dinge*, ele faz um resumo muito claro e objetivo do que se expôs até aqui:

Todas as coisas são verdadeiras; são conhecidas e cognoscíveis: conhecidas pelo intelecto divino, cognoscíveis pelo intelecto do homem. Esta não é só uma afirmação sobre a estrutura formal interna das coisas, sobre seu “ser manifestas em si mesmas”. No princípio da verdade de tudo o que é se afirma também a força do intelecto divino, que cria o ser como luz e que, junto com o ser real, concede a cognoscibilidade. E do espírito humano se diz que por sua mesma essência está em relação com a totalidade das coisas que são, e isso em virtude dessa disposição das coisas, que ordenou o mundo ao espírito e o espírito ao mundo, que fez que o ser possa ser percebido e que o espírito possa perceber. Ou seja, que o homem, em razão de seu ser espiritual e enquanto é espiritual, habita em meio da totalidade das coisas que são. Que o espírito humano, enquanto criatura, se encontra já “desde sempre”, por sua natureza, nessa providencial ordenação à totalidade do real. E que essa propriedade essencial do espírito de ter “capacidade para o todo” se mostra já em cada conhecimento particular, posto que a luz pela qual o particular é conhecível intelectualmente é a mesma luz que inunda também o universo. Essa é a tese antropológica, referente ao ser do homem, que está contida no princípio *omne ens est verum*.⁴³

Pieper nos ajuda a lembrar que o homem não se encontra passivamente à mercê da contingência típica da existência humana, mas pode exercer uma ação moral boa com base no conhecimento da realidade – realidade que é intrinsecamente verdadeira e possível de ser conhecida por esse mesmo homem. Entretanto, o próprio Pieper nos adverte que, ao mesmo tempo em que é verdadeira e conhecível, a realidade se apresenta também como algo insondável, incognoscível, impossível de ser abarcado e compreendido cabalmente pela razão humana – tema que exploraremos em outra ocasião.

Referências bibliográficas

PIEPER, JOSEF. *Die Wirklichkeit und das Gute* in: *Josef Pieper: Werke auf CD-ROM*, volume 5, editado por Berthold Wald. Hamburg: Felix Meiner, 2008, p. 48-98.

_____. *Wahrheit der Dinge* in: *Josef Pieper: Werke auf CD-ROM*, volume 5, editado por Berthold Wald. Hamburg: Felix Meiner, 2008, p. 99-179.

_____. *Unaustrinkbares Licht* in: *Josef Pieper: Werke auf CD-ROM*, volume 2, editado por Berthold Wald. Hamburg: Felix Meiner, 2008, p. 112-152.

_____. *La Realidad y el Bien – La Verdade de las Cosas*, tradução de Juan Francisco Franck. Buenos Aires: Librería Córdoba, 2009.

_____. *Luz inabarcável – O elemento negativo na filosofia de Tomás de Aquino* in: *Revista de Estudos Árabes*, São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, 1995, p. 53-75.

Recebido para publicação em 17-04-14; aceito em 28-05-14

⁴³ *Wahrheit der Dinge*, 173.